

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**INSTITUTO DE ARTES**

**LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

**Henrique Fagundes Machado**

**A ARTE TÁ MORTA A ARTE TÁ TOP: Guerrilhas Poéticas**

**Porto Alegre**

**2018**

**Henrique Fagundes Machado**

**A ARTE TÁ MORTA A ARTE TÁ TOP: Guerrilhas Poéticas**

**Trabalho de conclusão de curso de graduação  
apresentado ao Instituto de Artes da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como  
requisito parcial para a obtenção do título de  
Licenciado em Artes Visuais.**

**Orientador(a): Profa. Dra. Paula Mastroberti**

**Porto Alegre**

**2018**

### CIP - Catalogação na Publicação

Fagundes Machado, Henrique  
A ARTE TÁ MORTA A ARTE TÁ TOP: Guerrilhas Poéticas  
/ Henrique Fagundes Machado. -- 2018.  
39 f.  
Orientadora: Paula Mastroberti.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Artes, Licenciatura em Artes Visuais, Porto Alegre,  
BR-RS, 2018.

1. poética. 2. educação. 3. ações  
poético-educativas. 4. artista-educador. I.  
Mastroberti, Paula, orient. II. Título.

**A ARTE TÁ MORTA A ARTE TÁ TOP: Guerrilhas Poéticas**

**Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.**

**Aprovado em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profa. Dra. Adriane Hernandez - UFRGS**

---

**Prof. Dr. Chico Machado - UFRGS**

---

**Profa. Dra. Paula Mastroberti - UFRGS (orientadora)**

## RESUMO

Este trabalho foca na discussão de relações entre atividades relacionadas ao ensino de Artes Visuais e a investigação individual do autor no campo das poéticas visuais. Em forma de ensaio, usando como base relatos de aulas, de exposições e de ações, o projeto se constrói como um exercício de análise, estruturando um pensamento poético e estético a partir de trabalhos artísticos e ações educativas. Junto dos referenciais teóricos e da contextualização dos objetos criados durante a pesquisa, busca-se meios para pensar formatos relativos às vivências de artista e educador.

Palavras-chave: poética; educação; ações poético-educativas; artista-educador.

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2. A ARTE TÁ MORTA A ARTE TÁ TOP.....	10
3. O ambiente e o reconhecimento (Cante sobre mim, estou morrendo de sede).....	14
4. Exposição A Guerra e os Dançáveis X Oficina de Percussão Livre.....	21
5. PRESENTE.....	29
6. Terrorismo poético vs Artista-educador vs Professor como DJ.....	32
7. FUTURO.....	35
8. Referências.....	39

Agradeço a quem continua vivo  
Agradeço a quem continua TOP

## 1. INTRODUÇÃO

Tenho conscientemente o desejo de ser artista desde os meus 15 anos de idade, quando estava no primeiro ano do ensino médio. Comecei escrevendo histórias nos cadernos que eram para as matérias. Escrevia ficções de 10 a 150 páginas, escrevia e escrevia ao ponto de começar a ir mal no colégio. Depois, senti a necessidade da imagem. Primeiro fazia ilustrações pras histórias, até que parti inteiramente para o formato dos quadrinhos. Daí surgiu a primeira noção de “artista”, “posso ser artista?”, “sou artista?” Continuei por dois anos criando, publicando, fazendo parcerias, administrando uma página do facebook onde havia comentários, trocas, noções e conversas com leitores. Com a necessidade de arranjar um emprego, fazer uma faculdade ou atender a alguma formalidade do mundo, comecei a pensar em soluções práticas em que pudesse usar as habilidades adquiridas durante essa trajetória. Matutei por um tempo até começar a aprender modelagem 3D e conseguir um emprego com isso, enquanto estudava para entrar no Instituto de Artes da UFRGS. A questão que fica é, por que eu escolhi estudar licenciatura em artes?

Minha mãe é professora desde bem antes de eu nascer, então convivo com a profissão dela minha vida inteira. Na época, com 19 anos, me pareceu a ideia mais lógica escolher uma faculdade de artes, para de certa forma formalizar o que eu já havia fazendo faz algum tempo, e também escolher licenciatura pela questão profissional, de poder ter uma possibilidade de emprego além da minha produção poética. Mesmo sabendo como funcionava a estrutura institucional da escola e das dificuldades que minha mãe passava, trabalhar nesse ambiente sempre pareceu um plano seguro caso algo desse errado. Assim, consegui passar no vestibular e entrei na universidade com os mesmos planos de quatro anos atrás, continuando a produzir quadrinhos e focando nas publicações e expansões que eles me possibilitavam. Porém, lá pela metade do primeiro ano, com a abertura para linguagens novas que nunca havia considerado, tal como a pintura em grandes suportes, graffiti, vídeo, gradativamente esses projetos foram ficando de lado, enquanto a noção de artista de galeria, de exposição formal, começou a surgir.

A performance era a modalidade que mais destoava das já praticadas por mim, mas também foi a primeira que me classificou em um edital institucional, junto de um coletivo chamado PPPerformance, no evento *ruido.gesto*, da FURG, em 2015. O processo dispersivo se seguiu até eu começar a focar minha produção em performance, vídeo e pintura. A partir desses três pilares, segui participando de exposições, festivais e formando outros coletivos. E pela formação desses coletivos, ampliei minha rede e minha forma de trabalho, atuando como freelancer na área de cenografia ao vivo, trabalhando em festas e peças de teatro, criando

trilhas sonoras para vídeos, expandindo ao máximo o que desejava como artista, destacando a produção para fora do meu escopo, da minha individualidade, buscando experiências coletivas que contribuíssem para essa abertura.

Enquanto essa formação se construía, acredito que quatro eventos impactaram essas vivências, seja, como artista ou como pessoa. O primeiro seria a criação do coletivo de criação audiovisual marginal chamado Festivau de C4nn3\$, formado no final de 2015 junto de amigos e amigas artistas, no intuito de fomentar uma produção mais livre na experimentação de filmes, curtas, videoarte e performance. Criar e participar dessa junção fez com que eu repensasse minha visão como artista pela primeira vez, fazendo-me valorizar o esforço por um ideal que não envolvesse só uma única poética, mas a poética de um grupo, de uma unidade. O segundo evento seria a ida ao XX Encontro Nacional de Estudantes de Artes, em Brasília, 2016, em pleno golpe. Estar e participar dessa movimentação alterou minha visão ideológica limitada aos eventos políticos e culturais que ocorriam em Porto Alegre, e levou-me a ver outras noções de arte, de vivências, de convívio e organização. Trocar com artistas de diversos estados, participar de protestos, pensar ações em conjunto, dar oficinas, participar delas, me fez pensar em estratégias para quando retornasse. Dessa forma, chego ao terceiro e quarto evento e suas correlações: a ocupação do Instituto de Artes da UFRGS e minha primeira oficina em uma escola. Chegando na capital, poucos dias depois, houve o início da ocupação, e na mesma semana, dei a minha primeira oficina no colégio Monsenhor Leopoldo Hoff, através do PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, coordenado pela Profa. Paula Mastroberti – com alunos que em sua maioria vinham de regiões periféricas, tais como a Bom Jesus. Os dois eventos significam para mim barreiras que foram quebradas e ressignificadas. De um lado, a ocupação me mostrou a arte em conjunto, a arte autogestionada e a movimentação política através dela. Já, a oficina, me mostrou a arte da realidade, a arte vivida pela maioria das pessoas da sociedade, e a arte que eu precisava respeitar e olhar. Uma vivência me fez participar de um recorte artístico inovador, porém ainda elitista, ainda num local da universidade. O outro me causou um choque, a partir do qual pensei “como vou significar a arte para essas crianças que vivem em situações extremas quase que diariamente?” “Como vou trazer as discussões fomentadas em ocupações, na universidade, nos espaços de mudança, para o dia a dia de pessoas que vivem uma vida de sobrevivência?”

Acredito que o estado artista e professor estejam coligados e que um não exista sem o outro. Esse é um fato negado e negligenciado, porém os fatores estão sempre correlacionados. Também acredito na criação coletiva como força artística, porém não só como um fim comum, mas também como um coletivo que cria em conjunto coisas diferentes. Creio dessa maneira que, na possibilidade de educar esteja a possibilidade de criar enquanto se educa. Assim, a educação em artes faria

parte da experiência artística. Elaborar esse projeto, reunir minha criação poética<sup>1</sup> e correlacionar com ações educativas vem da necessidade de buscar a educação como forma de arte e a arte como forma de educação.

Para esse trabalho busco minha base teórica em seis materiais diferentes, porém que são importantes para o pensamento que será produzido: *Aspiro Ao Grande Labirinto*, de Hélio Oiticica, *Arte como experiência*, de John Dewey, *Pedagogia na Arte: entre-lugares da escola*, De Gilberto Icle, *Caos – Terrorismo Poético e Outros Crimes Exemplares*, de Hakim Bey, *reEDUvolution - hacer la REVOLUCIÓN en la EDUCACIÓN*, de María Acaso, e *Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia*, de Belidson Dias e Rita L. Irwin. Eles sustentam esse buscar através da análise e da escrita sobre o que se passou, seja como artista ou como educador. Diante disso, pretendo fazer dessa pesquisa um processo, transformando em uma das minhas residências a sala de aula, traçando linhas entre meus projetos de ensino e meus projetos de arte.

---

<sup>1</sup> Para melhorar contextualização de minha pesquisa poética e de meus trabalhos, disponibilizo meu portfólio online, disponível em: <https://goo.gl/dTWKDz> Acesso em: 09 dez. 2018

## 2. A ARTE TÁ MORTA A ARTE TÁ TOP

TOP

Definição de algo de alta qualidade.

Palavra originalmente inglesa, que significa **topo**.

Você está **TOP** hoje.

Ontem a noite foi **TOP!**

*Significado de **Top** Por Lays (SC) em 16-10-2017 - Dicionário Informal*

A ARTE TÁ MORTA A ARTE TÁ TOP surgiu no meu dialeto a partir de uma brincadeira contada em uma conversa de amigos. Não sei se a arte está morta ou top do momento de onde escrevo, acredito que os dois. Mas em maio de 2016 atuava na EF Monsenhor Leopoldo Hoff, pelas quintas de manhã, através do Programa Institucional de Iniciação a Docência, o PIBID.<sup>2</sup> E ao mesmo tempo vivia um tempo de produção artística bem ativo. Toda semana eu era conflituado pelo choque de realidades, fossem de ordem poética ou sociocultural. Passava sempre por um processo de autoavaliação de meus ideais estéticos, poéticos e políticos. O linguajar *top* era bem popular - e no momento em que falo - ainda é. Então enquanto conversava sobre arte, seja com meus amigos ou com meus alunos, era comum ser ouvida alguma frase contendo “arte top essa ein” ou “Muito top essa instalação, né?” E de tanto ouvir, essa frase entrou na minha cabeça.

Quando você almeja ser artista e ao mesmo tempo vem de um lugar chamado Vila Fernandes e trabalha num lugar onde a maioria dos alunos vem de um lugar chamado Vila Bom Jesus, conflitos acontecem. Um dos conflitos que permeiam o trabalho A ARTE TÁ MORTA A ARTE TÁ TOP é o de significar pro outro seu próprio reconhecimento quanto detentor de uma cultura, apesar de sobreviver onde sobrevive.

A Vila Bom Jesus é um bairro com 28.229 habitantes considerado periferia de Porto Alegre. Grande parte da juventude desse lugar convive com a violência diária. Grande parte dessa juventude não tem acesso a arte além de seus próprios contextos e referências, tais como o funk, o rap, ícones da mídia. A “grande arte” dos museus, das galerias e dos eventos culturais fica longe, custa dinheiro e não os faz sentir pertencidos. Muitos desconhecem a gratuidade desses lugares, e mesmo assim não vêem muito sentido em apreciar objetos rodeados por construções

---

<sup>2</sup> O programa oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. Fonte: <http://portal.mec.gov.br/pibid> Acesso em: 14 dez. 2018

exuberantes que não se dirigem a eles, que exercem poder e os fazem se sentir pequenos e estranhos. Então quando você apresenta algum clipe de rap para eles, alguma pintura na qual surjam referências que eles entendam, algum material em que há alguma interação entre sujeito e conteúdo, quando não o estranhamento, frases como “que arte top, sor” são proferidas. E quando são, ecoam e também causam estranhamento.

A ARTE TÁ MORTA A ARTE TÁ TOP foi pensada inicialmente como um projeto de vídeo, em que seria gravada a frase sendo *pixada* por diferentes pontos da cidade de Porto Alegre, no intuito de espalhá-la de maneira viral. Porém, acabou sendo difundida através da simples exibição da frase, também gravada em vídeo, na fonte VERDANA em vermelho, para projeções de festas onde trabalhava como VJ. Quando o set do DJ estava no fim eu deixava apenas os dizeres girando em loop.



**Figura 1.** Screenshot do trabalho  
A ARTE TÁ MORTA A ARTE TÁ TOP, 2017.

A partir daí a expressão se tornou comum entre as pessoas dessas festas. Continuei a projetar o vídeo em alguns outros eventos, ocasiões, em espaços culturais e galerias. Até que surgiu a oportunidade de expô-la na exposição Futurama 3, de curadoria de Ana Zavadill, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul.



**Figura 2.** Foto da entrada da galeria Xico Stockinger na Casa de Cultura Mário Quintana, relativa a exposição FUTURAMA 3.

Com esse fato novamente ocorreu o contraste da significação do trabalho em um diferente espaço. As letras em adesivo, de 2,60cm x 1,30cm, ocupavam a parte inicial da galeria Xico Stockinger, localizada no Centro Cultural Mario Quintana, em Porto Alegre. Na época não tive oportunidade de levar meus alunos à exposição - eles já eram outros, de outro projeto, pois já havia saído do PIBID e começava meu estágio obrigatório no CAP - Colégio de Aplicação da UFRGS - porém tive grande retorno ao levar pessoas que vinham de uma realidade como a minha, da região metropolitana, da periferia, com referências diferentes das dos grandes centros, e ouvir comentários que representassem um reconhecimento, dentro de espaços que falham nesse sentido, seja para mim, por, mesmo expondo ali, me sentir deslocado,

ou para outros, que vivem leituras de mundo que a galeria e o museu muitas vezes não contemplam. Há, nessas divergências entre lugares e pertencimento, um formato possível para a arte, esteja ela dentro do museu ou no samba, com um parangóle de Hélio Oiticica, ou alguma letra de Racionais MC'S como título de obra de arte, no espaço institucional, na escola, nas palavras ditas pelas pessoas, esteja ela morta ou seja ela *top*.

### 3. O ambiente e o reconhecimento (Cante sobre mim, estou morrendo de sede)

A EMF Thiago Würth fica em uma região entre o fim do bairro Mathias Velho, em Canoas, e a rodovia da BR-448, que liga parte da região metropolitana a Porto Alegre. Seu IDEB em 2017 foi 5.1, relativamente acima da média do município. A escola conta com uma ampla gama de recursos, tais como projetor multimídia, computadores para alunos, acesso a internet, câmeras fotográficas, aparelhos de sons. Em outubro de 2017, junto com o meu amigo e artista Eduardo Turski, e a convite da professora de artes, a também amiga e artista Manoela Furtado, tive a oportunidade de dar uma oficina para o nono ano do ensino fundamental e a turma de Juventude Cidadã<sup>3</sup> da escola. A proposta era simples: eu e Turski iríamos nos apresentar, falarmos um pouco de nossa trajetória, sobre os caminhos que nos levaram ali, e após essa atividade iríamos grafitar o muro em torno da escola.

A turma do sétimo ano da EMF Thiago Würth, em outubro de 2017, nas semanas anteriores a oficina, havia perdido três alunos, dois para a violência do tráfico, uma para o feminicídio. Isso era amplamente comentado entre os alunos, com naturalidade e respeito. Havia luto, porém isso não afetava a excitação deles quanto a atividade proposta. Como relacionar e contextualizar arte no meio de uma guerra?

A experiência ocorre continuamente, porque a interação entre a criatura viva e as condições de seu ambiente está envolvida no próprio processo de viver. Sob condições de resistência e conflito, aspectos e elementos do eu e do mundo que estão implicados nessa interação qualificam a experiência com emoções e idéias para que a intenção consciente emergja. (DEWEY, 1934, p.42, tradução nossa).

A partir dessa ideia, significar estética e poética sob condições de resistência e conflito torna a experiência artística e sociocultural também envolvida com os corpos e identidades dos envolvidos, além do objeto, do resultado final. Os corpos daqueles meninos e meninas, suas histórias e perspectivas quanto aquele lugar, quanto a suas relações interpessoais, quanto ao medo da violência, ao medo da morte, influenciaram em sua visão e experiência quanto a arte, junto da experiência mediadora entre professor-aluno.

Uma das imagens mais reproduzidas nas paredes da escola era um coração com os nomes dos alunos mortos escritos dentro.

---

<sup>3</sup> O Projeto Juventude Cidadã se propõe a ser linha de ação que combina um conjunto de políticas públicas, de educação, de direitos humanos, de ação comunitária e que visa à qualificação sócio-profissional de jovens de baixa renda para futura inserção no Mundo do Trabalho e sua intervenção protagonista no meio social. Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/tr000014.pdf> Acesso em 06 dez. 2018



**Figura 3.** Oficina no colégio Thiago Würth.  
Foto: Manoela Furtado



Figura 4. Oficina no colégio Thiago Würth.

Foto: Manoela Furtado

Um modo de lidar com a dor através da expressão imagética, mas também de fazer um ritual simbólico de despedida através da coletividade. O ato de usar o spray para desenhar um coração e homenagear o colega, junto de outros colegas, era tão importante quanto o trabalho final. Aliás, fazia parte de todo o processo

artístico passar o spray para ao lado para que a outra pessoa pudesse fazer também. A inconsciência e a falta de noção sobre o significado de tal ato têm relação com a própria noção de arte e ensino de arte. Vivendo nos confins do bairro Mathias Velho, cercados pelo tráfico e pelo descaso político e socioeconômico municipal, quando esses alunos teriam a oportunidade de pensar que o que fazem é considerado uma ação artística? E mesmo assim, devido ao fato de a escola Thiago Würth ser privilegiada, por ter uma professora de artes formada e por ser um local de investimentos em recursos e atividades culturais, apesar do lugar físico que ocupa, seus estudantes, dentro de seu escopo de realidade, conseguiram viver e trocar experiências para além do desenho final da parede. As diretrizes básicas do currículo nacional relacionadas a linguagem de Artes abarcam essas situações? Ou mesmo a escola básica? Nem mesmo a classe artística as compreendem, pois são ações e vivências que tensionam os limites das instituições sem seu reconhecimento. Os formatos abrangentes desse tipo de arte ainda estão sendo feitos, seja por estudantes de arte que, mesmo participando das instituições reguladoras, procura atuar por entre essas fronteiras, ou por alunos de escolas como a Thiago Würth.

Tenho anotado o título Cinema Transcendental desde agosto de 2016. Apesar de ser o nome de um álbum de Caetano Veloso também denomina o título de uma de minhas produções mais recentes, em forma de vídeo. Porém, antes de falar sobre ele, trago a referência de um outro vídeo famoso no YouTube que de certa forma me levou a registrar a expressão e seguir futuramente com a ideia.



**Figura 5.** Screenshot do vídeo Câmera flagra homem sendo morto na frente de repórter (meu Deus do céu Berg).

O vídeo “Jornalista presencia homem sendo morto com tiro na cabeça” ou “Câmera flagra homem sendo morto na frente de repórter (meu Deus do céu Berg)”<sup>4</sup> tem em suas duas postagens no *Youtube* um acumulativo de 120.000 views. Os comentários atentam para a forma de como o repórter fala, de maneira engraçada e desesperada, correndo ofegante após presenciar a tentativa de um assassinato. Há a naturalização e midiaticização do fato, sendo o material de fácil acesso e reprodução, criando assim uma distância da interação entre a situação vivida e a maneira como ela foi filmada. A primeira reação que tive foi a de choque e mal-estar, depois a de rir da incredulidade de alguns comentários, e após isso, intriguei-me profundamente. A lista de vídeos com esse mesmo conteúdo e mesmas reações é grande, espetacularizando esteticamente cenas de morte. Quando anotei “cinema transcendental” me referia a essa situação, a esse cinema que, apesar de documentar uma realidade, tangencia a ficção. A essas situações que foram vividas e sentidas por pessoas em situações vulneráveis, porém estavam ali, filmadas e assistidas repetidas vezes. Lembrei-me das vezes em que ouvi tiros perto da minha casa e fiquei fazendo o exercício de imaginar esse vídeos de situações de violência próximas de mim sendo produzidos.



**Figura 6.** Screenshot do vídeo Cinema Transcendental.<sup>5</sup>

Cinema Transcendental é um vídeo baseado em colagens sonoras e visuais que são controladas e tocadas ao vivo e posteriormente editadas. Uma pintura

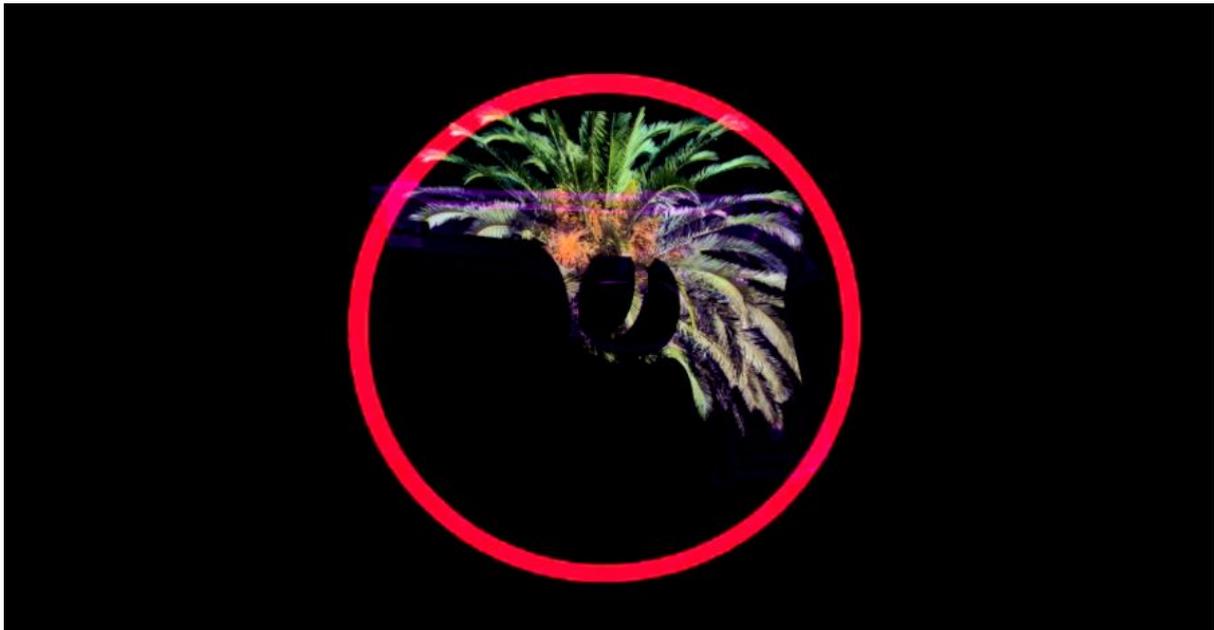
<sup>4</sup> SALOMINO, Anderson. Câmera flagra homem sendo morto na frente de repórter (meu Deus do céu Berg)". *Youtube*, 15 jun. 2014. Disponível em <<https://youtu.be/YzPZ693Ga7U>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://youtu.be/Q4qYsEsiJfY> Acesso em: 14 dez. 2018

audiovisual, ela se constrói através de camadas de informação sobrepostas em uma narrativa fissurada e densa, formada por trechos retirados de vídeos do youtube remixados e misturados com temáticas de figuras geométricas de festas de rave a sons de tiro de bala. A trilha sonora se mistura na trilha de imagens, construindo uma digestão sobre o Brasil do presente e do passado. Mas, mais propriamente, o trabalho é uma reflexão acerca de fatos próximos que nos afetam e, assim como o caso da oficina do Thiago Würth, as nossas vidas e as nossas mortes. Há simbologia, porém também há um teor de banalização, como, por exemplo, enquanto os barulhos de tiros acontecem, há um GIF de um menino dançando passinho sendo reproduzido em loop, ao mesmo tempo. Assim como os alunos da escola..., que apesar da tragédia e do luto, riam enquanto usavam o spray, pintando o coração com o nome dos colegas dentro. De certa forma, produzir esse vídeo teve relação com as reverberações de significar e contextualizar a aula de artes visuais após uma tragédia.

Conforme experienciamos o ambiente de que viemos, buscamos um reconhecimento em outras instâncias, a partir dele. Pensamos nos objetos, na estética, na cultura que permeia nossa vida, a partir desse lugar, em conversa com a nossa trajetória. Enquanto experienciar, aprender e produzir arte for um privilégio, esses lugares de conflito e resistência não serão contemplados pelas lógicas dessas respectivas instituições, sendo assim necessário buscar limites e tensões nas bordas. O ensino de artes, seja ele do âmbito universitário ou não, falha em agregar essas ações diretas, que por mais que sejam de risco, são necessárias. Que museus existem em regiões periféricas? Que ações os museus, mesmo que residentes da zona central, organizam quanto a comunidade que ali ocupam? Estar à margem e ter consciência desse fato já é por si só uma noção para quebrar com esses paradigmas. Não discorro aqui sobre a negação de um estado ou a de outro, porém a possível conexão e interlocução entre essas fronteiras. E isso só será possível quando o acesso amplo a cultura, a universidade, ao lazer e a criação, for concedido.

Por que há a necessidade que a disciplina de artes seja exercida? E especificamente do lugar de onde falo, as artes visuais? Acredito que ela não venha do discurso de “a arte salva” porém de um outro lugar, do lugar de reconhecer-se e reconhecer o outro como capaz de empoderar-se de sua cultura e de seu ambiente, usando-se de suas imagens e referências, usando a poética como meio de significação do sujeito em relação ao mundo.



**Figura 7.** Screenshot do vídeo Cinema Transcendental.

“Sing about me, I’m dying of thirst” / tradução “Cante sobre mim, estou morrendo de sede”<sup>6</sup> é o título de duas músicas-sequência do rapper norte-americano Kendrick Lamar. Com 12 minutos de duração, a letra se discorre em um diálogo entre um eu lírico que pede a Kendrick que se ele não conseguir sobreviver aos próximos fatos de sua vida que por favor, sua história sobreviva através das letras do próximo álbum do artista. Através desses trabalhos tais como Cinema Transcendental, procuro não cantar, mas trabalhar imagetivamente as situações por mim vividas como artista e professor. Senão fosse professor, não poderia trocar e mediar situações estéticas, poéticas e políticas. Senão fosse artista, não poderia experienciar isso de forma plena. As duas realidades seguem juntas, e se co-alimentam. Nas visões e nas realidades vistas e vividas por alunos que tive a oportunidade de estar perto vejo meu próprio reconhecimento e transformo minha poética.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://youtu.be/Z3CnfFQENkw> Acesso em: 29 dez. 2018

#### 4. Exposição A Guerra e os Dançáveis X Oficina de Percussão Livre

poética

po.é.ti.ca | pwẽtikẽ

nome feminino

conjunto dos princípios estéticos, explícitos ou implícitos, que orientam a atividade de um escritor, de um artista ou de um movimento literário ou artístico

Do grego poietiké, «idem», pelo latim poetica-, «obra poética»

*poética in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. [consult. 2018-10-15 01:02:55]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/poética>*

A exposição A Guerra e os Dançáveis foi minha primeira exposição individual, tendo sido realizada na galeria Ado Malagoli, do Instituto de Artes da UFRGS, de 11 a 22 de julho do ano de 2016. Reuniu uma série de pinturas em tecido que haviam sido realizadas desde o fim de 2015 até pouco antes da exposição. Na época, indo de meu segundo pro terceiro ano da faculdade, produzia trabalhos mais do que atualmente, porém de maneira dispersa. As pinturas que participaram da exposição eram um resultado de uma experimentação em tecido do que já criava na rua, com o graffiti e o pixo, usando spray e outros materiais. Trabalhar traços e desenhos que fazia, trazendo-os para dentro do ateliê de pintura, para o tecido de algodão de tela, traduzia uma linguagem que pertencia a um espaço físico - rua - para outro completamente diferente. As formas que fazia com pressa e um certo nível de urgência, apenas com spray, eram ressignificadas com tinta a óleo, giz pastel, traços a lápis e suportes grandes. Ao fazê-las em ambientes diferentes, atingia um outro estado de corpo e assim outros resultados estéticos.

Na mesma época tive meus primeiros contatos significativos em sala de aula, enquanto bolsista do PIBID, vivendo trocas e encontros que faziam questionar-me do meu papel como artista. Acredito que um dos mais significativos vinha do lugar do espaço em relação ao trabalho produzido, pois havia começado o ano de 2016 no Colégio de Aplicação da UFRGS, lugar com ampla gama de recursos, professores com formação acadêmica - geralmente formados pela própria instituição - possibilidade de aprender diversas línguas e realizar intercâmbios. E na metade do ano o projeto foi transferido para EMF Monsenhor Leopoldo Hoff, escola já citada anteriormente, defasada e com dificuldades estruturais, com a maioria de seus alunos vindo de zonas periféricas e muitos em situação de vulnerabilidade. O CAP era provido de dois ateliês de artes com diversos materiais disponibilizados para os alunos. Havia mesas onde mesmo o trabalho sendo individual, a produção era dada de maneira coletiva, um olhando no olho do outro. Já no Leopoldo Hoff a sala de

artes era apenas uma sala comum que foi nomeada sala de artes. As localizações e estruturas de cada escola influenciavam nas experiências vividas por aqueles alunos, seja em relação às atividades propostas ou em suas relações interpessoais.

No decorrer de minha estadia nesses lugares senti que pintar não representava mais o que almejava, pois a partir daquelas experiências percebi que fazia objetos centrados em minha pessoa e vivências, falando de tópicos que apenas diziam respeito a uma poética sentimental e racional de um só. Dessa maneira, duas semanas antes da exposição mudei o projeto. Além das pinturas, comecei a fazer *pixos* pela cidade com os dizeres “Guerra”, “Dança”, “A Guerra e os Dançáveis” e postar fotos no evento da exposição no Facebook, de maneira que as pessoas soubessem onde encontrar as frases e também soubessem que a abertura estava se aproximando. Além disso, convidei cinco amigos e artistas para elaborar uma performance temática a partir das pinturas. Com essas ações pretendia expandir a noção dos trabalhos da exposição para outras pessoas, além de minha percepção quanto aqueles objetos.

A Guerra e os Dançáveis consistiam-se em três pinturas realizadas sobre grandes suportes, feitas a partir da leitura e abstração de movimentos de funk, tais como o passinho do romano, e de cenas de violência e guerra encontradas na internet.

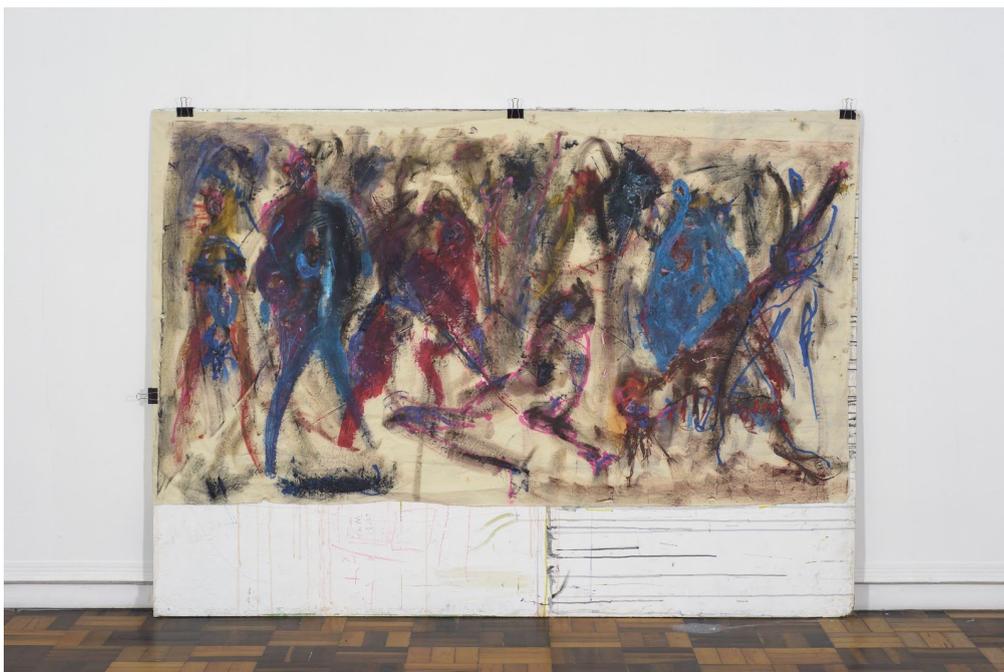


**Figura 8.** Screenshot do vídeo MC Dadinho - Lança o Passinho do Romano (Fezinho Patatyy) (DJ Dn de Caxias).<sup>7</sup>

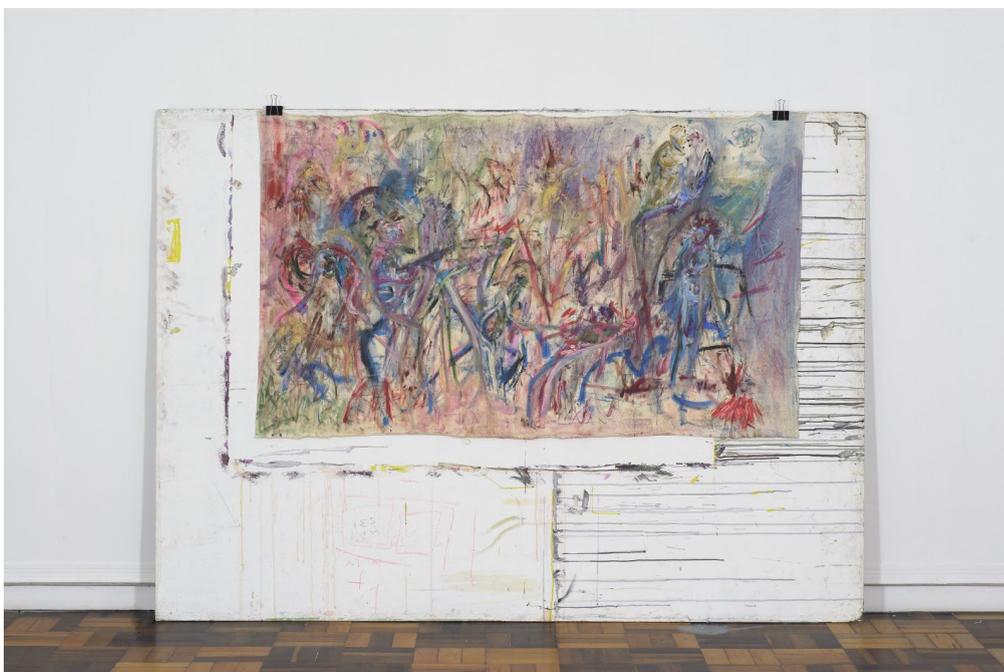
<sup>7</sup> PATATYY, Fezinho. MC Dadinho - Lança o Passinho do Romano (Fezinho Patatyy) (DJ Dn de Caxias). **Youtube**, 11 mai. 2014. Disponível em <<https://youtu.be/kpJApAfODSE>>. Acesso em: 06 dez. 2018



**Figura 9.** Henrique Fagundes, Os Dançáveis, 2015, tinta a óleo, acrílica, guache, pastel oleoso, caneta esferográfica e spray sobre algodão cru, 1,83cmx2,75cm.  
Foto: Filipe Conde



**Figura 9.** Henrique Fagundes, Ascendência, 2015, tinta a óleo, acrílica, guache, pastel oleoso, caneta esferográfica e spray sobre algodão cru, 153cmx223cm.  
Foto: Filipe Conde



**Figura 10.** Henrique Fagundes, Decadência, 2015, tinta a óleo, acrílica, guache, pastel oleoso, caneta esferográfica e spray sobre algodão cru, 1,68x105cm.  
Foto: Filipe Conde

Porém, essas informações só eram conhecidas e legíveis por mim. A partir da construção da performance essas noções foram passadas adiante, pensadas e estruturadas por pessoas que apenas liam os trabalhos e suas referências. A partir desses fatores, a ação se constituiu na confecção de roupas que esteticamente lembrassem as pinturas, feitas e pintadas com o mesmo material. Após, foi inserida uma gama de instrumentos de percussão e samplers eletrônicos para elaborar uma trilha sonora. Com esses dois elementos, a exposição passou de um trabalho pessoal para uma criação coletiva, motivacionada pela proposição de um tema.

Um pouco após esse fato, em meados de outubro do mesmo ano dei minha primeira aula, no Monsenhor Leopoldo Hoff, a partir do PIBID. Na época trabalhava com vídeos, projeções, organizando o Festival de C4nn3\$, então a proposta que se seguiu foi a de vídeo com o celular, tal qual a proposta que trabalhava na época. Os alunos iriam criar diversas fantasias e roupas e filmar o que desejassem no pátio da escola. Após, a oficina seguiria com a edição em conjunto desse material, com brincadeiras estéticas que seriam projetadas em algum espaço da escola. A oficina nunca teve seu devido fim, pois na outra semana fui ao XX Encontro Nacional de Estudantes de Artes, em Brasília, em volta das tensões políticas daqueles meses pós-golpe, onde a presidente eleita foi deposta e um novo plano de governo, que através de seus programas trouxe empecilhos para área da educação e cultura, assumiu. Tentamos invadir o Ministério da Educação, fomos perseguidos pelo dobro de polícia do que havia em manifestantes, voltamos para casa e ocupamos o Instituto de Artes da UFRGS por um mês, contra as reformas do governo vigente e pela luta dos direitos da área. As atividades foram interrompidas e o semestre acabou em fevereiro de 2017. Minha segunda oficina, a Oficina de Percussão Livre, foi em outubro deste ano, quase doze meses após todos esses acontecimentos, nesse mesmo colégio.

A Oficina de Percussão Livre aconteceu em meio ao caos do escopo das escolas estaduais. Professores sem remuneração, dando aulas fora de suas áreas em remanejamento de horário, em condições precárias e urgentes. A Leopoldo Hoff sofria de grande evasão dos alunos, e minha oficina teve participação de um terço do total da turma. Enquanto produzia Cinema Transcendental, trabalhava trilhas sonoras com amigos músicos e passava igualmente trabalhando na parte visual e da música. Então tive a vontade de trabalhar a construção de instrumentos a partir de sucatas. Porém, além de instrumentos eles também deveriam ser pensados como escultura. Por que percussão? Por que sucatas?

A maioria dos alunos da turma do terceiro ano do ensino médio tinham como maior referência musical o funk. E também, a maioria deles tinha pouca possibilidade de recursos e nunca tinha tido contato com algum instrumento além do violão. O discurso trabalhado em sala de aula, além da tentativa de aproximação do

contexto deles para as atividades, foi a de experimentar a sonoridade de esculturas a partir de sucata, e assim criar composições. Como referencial lhes foi trazido trabalhos desde referentes a arte sonora moderna-contemporânea até bandas e grupos que usavam-se de materiais diferentes para criar suas músicas. Junto de softwares tais como FL Studio e Ableton, criamos séries de trabalhos e ações unindo experimentações sonoras com seus referenciais de funk. A sala de artes do colégio EMF Leopoldo Hoff teve suas classes jogadas para o lado e suas cadeiras postas em círculo. Praticávamos uma série de exercícios de maneira que nos apropriássemos dos objetos criados. Conforme a aula se seguia, trocávamos com o colega do lado, de maneira que todos soubessem como cada escultura sonora funcionava. Um dos eventos mais importantes dentro dessa série de ações foi a aula final, realizada no recreio da escola. Eu, equipado com um teclado do FL Studio e beats programados, e eles com seus instrumentos/esculturas, entoando os exercícios trabalhados previamente na sala de artes. Interrompemos o intervalo de maneira que outros alunos se juntaram a nós e transformamos aquela ocasião em uma grande festa. Suamos bastante.

Ao unir o contexto de professor-artista junto com as vivências e referências desses alunos, possibilitei que ações fossem realizadas e vividas em conjunto, transformando a aula em si em uma experiência artística, para além do objeto final. Nunca algum dos lados, seja de discente ou docente, ficou parado falando ou escutando. Estávamos unidos habitando aqueles espaços, nos apoderando deles através da consciência de nossas falhas e faltas de recursos, buscando brechas entre essas adversidades para realizar trabalhos que perpassassem aquela realidade física da EMF Leopoldo Hoff, transcendendo os limites que nos eram impostos.



**Figura 11.** Registro da Oficina de Percussão Livre, realizada na EMF Monsenhor Leopoldo Hoff em outubro de 2017.  
Foto: Giovanna Fiorentini



**Figura 12.** Registro da performance A Guerra e os Dançáveis, realizada no dia 11 de julho de 2016, no espaço Ado Malagoli no Instituto de Artes da UFRGS  
Foto: Betina Carcuchinski

Desde crianças somos colocados um em cada classe, de costas um pro outro, de lado um pro outro, fazendo testes e provas, recebendo suas devidas notas e avaliações, pensando o que faremos depois, nos nossos planos de carreira. Acredito que, novamente do momento em que falo, criar e pensar coletivamente formas e experiências artísticas é uma saída lógica para o ambiente que nos é imposto. A apreciação é vivida a partir do contato de si com a coletividade, seja em shows, vendo filmes, indo em exposições. Porém o campo da arte ainda segue lógicas socioculturais que romantizam e elitizam lugares, objetos e poéticas. Se a população não se sente incluída na arte ou pela arte, qual seu sentido? Se, mesmo dentro de suas peculiaridades, a arte não chega além do centro, que meios precisamos usar para que ela se expanda?

Como a arte passa pelo escopo da vida ainda me é confuso. Seja produzindo os trabalhos ou atuando e mediando em aula nunca senti-me alheio. Acredito que busque um processo de assimilação e de reconhecimento através das possibilidades poéticas, assim como através meus alunos e de suas referências. A palavra artista ainda é distante em seus vocabulários, há outras mais urgentes. Porém acredito que por entre essas possíveis correlações entre objetos e pessoas, a noção artística esteja forte e viva, e a partir da busca coletiva de novas saídas, criando e refletindo sobre, talvez cada vez mais a arte pertença a sala de aula e a outros espaços marginalizados.

## 5. PRESENTE

Do momento de onde escrevo faço esforços para não cair no sono. Pela manhã trabalho no Hospital Psiquiátrico São Pedro - HPSP - em sua Oficina de Criatividade, como professor de artes das unidades de pacientes moradores, além de trabalhar em projetos pelo CIAPS - Centro Integrado de Assistência Psicossocial - com crianças e adolescentes. Do momento de onde escrevo, a cidade, estado e país onde vivo sofrem com a crescente onda de extrema-direita. Semana passada um amigo que mora comigo, homossexual, desapareceu por doze horas. Aqui em casa pensávamos que tinha morrido. Sete meses atrás uma conhecida, grande amiga de amigos meus, teve seu corpo queimado no Rio de Janeiro, por não atender as regras de binarismo de gênero e estar ocupando espaços que não aceitavam suas condições. Oito meses atrás estive no segundo velório que meus amigos e conhecidos da ocupação do Instituto de Artes participaram, coletivamente em luto. Um mês atrás, estive em Belém do Pará, atendendo ao vigésimo-terceiro ENEARTE, onde Cinema Transcendental foi exibido no cinema mais antigo em funcionamento no Brasil, o Cine Olympia. Do momento de onde escrevo espero estar bem daqui um mês.

A Oficina de Criatividade que trabalho data de 1989, através de um vínculo do hospital com o Instituto de Artes da UFRGS. Dentro de sua trajetória ela teve grande impacto no funcionamento e atendimento do hospital, incentivando e propiciando o desenvolvimento da expressividade, buscando na arte uma maneira de reabilitação psicossocial. O que realizo junto aos pacientes é uma procura pelo direito de se expressar. Na maior parte das vezes o que acontece é uma orientação, e não uma aula, pois em sua maioria eles já têm muita noção de sua poética, por mais que algumas vezes eles não reflitam sobre o processo. Há, desse modo, um trabalho de entendimento e tentativa de elucidação do mesmo, procurando maneiras de investigar essa poética de formas que sejam interessantes e gratificantes para ele

Às segundas não trabalho no HPSP e exerço meu estágio obrigatório referente a conclusão do curso de licenciatura em Artes Visuais, no Colégio de Aplicação da UFRGS (CAP). Dentro do plano de ensino busco questões concomitantes as que escrevo aqui, em relação aos contextos artísticos. Estou trabalhando em uma nova versão da Oficina de Percussão Livre e estamos no estágio de destruir as esculturas sonoras para cada grupo criar outro objeto a partir disso, esteticamente mais do que sonoramente. Há também bastante a presença da palavra escrita, em reflexão as noções de espaço, de experiências, e do que é arte contemporânea e em que lugar ela pertence. Sinto que estou em uma residência artística e os alunos também. Há o amplo domínio e segurança das atividades propostas.

Dou aula para o sexto ano do ensino fundamental e o terceiro ano do ensino médio. Em ambas as turmas comecei o plano de aula me apresentando, comentando um pouco dos caminhos que me levaram até aquela sala. A atividade seguiu expositiva, trazendo referências do campo da arte moderna e contemporânea que causassem algum tipo de estranhamento. Por mais que a formação dos alunos do CAP seja ampla, há tópicos e relações possíveis a serem exploradas. A lista foi de Hélio Oiticica ao rapper Djonga, passando por Nam June Paik, Lúcia Clark, El Anatsui e a brasileira contemporânea Vivian Caccuri. A aula se seguiu até o momento onde pedi para que os alunos escrevessem o que arte significava para eles num papel. Após, pedi para que falassem em voz alta o que haviam escrito. Depois disso, sugeri que amassassem a folha e tentassem acertá-la no lixo. Em ambas as turmas o plano de ensino tem seguido suas próprias adaptações. De um lado, meus alunos pequenos, que tem média de 12 a 14 anos, tem uma energia própria da idade, porém são bem focados em relação às atividades, mesmo em uma área negligenciada como artes. Já os alunos mais velhos, de 16 a 20 anos, sofrem as primeiras pressões de uma vida adulta, e a energia foi substituída por preocupações em relação a terminar o ensino médio, ao vestibular, o que cursar, e ao futuro em geral.

O que sinto em relação aos meus alunos ao dar aula é uma busca de compreensão do outro, através da criação como forma de contato. Durante meu estágio já passei por situações onde desabafava sobre frustrações amorosas com os alunos pequenos, e na mesma aula discutia sobre suas noções de experiências artísticas. Sentar em uma mesa, ao lado, e procurar sentido de igualdade através da arte é o que tem me motivado para seguir em frente, apesar das dificuldades institucionais e da vida. Busco assim valorizar o momento de mediar, lecionar, arte-educar, como uma experiência, como um clima que deve ser modulado conforme ela vai se dando. A noção de “tocar” as coisas me é muito valiosa, assim como tocar um instrumento, um set de DJ/VJ, uma aula, e especialmente uma aula de artes, que necessita ser tocada e elucidada conforme os seres que a compõem.

De abril a junho de 2018 fui mediador na 11ª Bienal do Mercosul, uma das experiências mais conflitantes nessa jornada de arte-educação. Novamente volto ao tópico de como significar experiências de fora, dentro. Exercer a função educativa em uma bienal é adequar escolhas estéticas e poéticas institucionais a situação das pessoas que as vêem de fora. O tema dessa bienal, o Triângulo do Atlântico, trouxe artistas de diversas regiões do continente africano, criando relações com artistas brasileiros e da América Latina, conversando sobre contextos históricos, políticos e sociais presentes nesses lugares. Muitas vezes em nosso discurso houve a presença da palavra “fronteiras” e de que elas precisavam ser rompidas. Bom, elas foram, mas como? Quando há uma distância entre as questões geopolíticas,

econômicas e socioculturais trazidas pelos trabalhos e objetos de arte e o que é ensinado na educação básica brasileira, há a necessidade de um trabalho de base, buscando aproximações possíveis para um aluno que não tem alguma noção de história do Brasil. Ou que não tomou café da manhã direito. Inúmeras vezes estive em situações em que havia a necessidade de contextualização histórica da obra, antes da leitura dela como arte. Mesmo com essas pautas em destaque, ainda sim os espaços eram excludentes. Havia perseguição seletiva aos alunos com aparência mais pobre, havia descaso, havia problemas organizacionais. Porém, mesmo assim, como equipe, conseguimos que os alunos valorizassem um trabalho de uma leitura experimental e conceitual ao mesmo tempo que apreciavam um vídeo de Paulo Pjota, com filmagens de bailes funk e shows de rap. Conseguimos, como equipe, que houvesse uma batalha de passinho envolvendo quase uma centena de alunos, em frente ao Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

Em setembro de 2018 fui a Belém do Pará, participar do vigésimo segundo ENEARTE. Foi a terceira vez que estive atendendo ao evento, que teve suas edições passadas em Salvador, e como já citado anteriormente, Brasília. Lá, estive em contato com artistas, pesquisadores e professores de diversas regiões do país, e pude novamente “pensar fora da bolha”, e fazer arte em um diferente contexto. O que ficou bastante claro para os próximos anos, analisando o contexto político e a situação da cultura, é a necessidade de uma organização baseada em conexões com esses pluralismos possíveis, buscando a articulação regional em prol de uma ampla frente nacional artística. Buscaremos, nesses próximos anos, a construção de uma rede que aja como norteadora de estudantes, artistas e artista-educadores.

Essas experiências acabam por permear o processo artístico; assim, a vida que levo molda a arte que faço e que tento levar, através da educação, para outros lugares. Seja no PIBID, em meu trabalho no HPSP, em meu estágio obrigatório no CAP, em minha atuação na Bienal, ou em minha viagem ao ENEARTE, há a presença desse trabalho de base, através da busca de meios de transformar a realidade do outro a partir de objetos, experiências e ações que o façam sentir que ele também tem seu direito de experimentar, de ser conceitual, de abstrair em relação a suas experiências de vida, e além disso, criar a partir delas. Através de, acima de tudo, a conexão com o outro como forma de experiência artística. Assim que, apesar dos apesares do momento de onde vivo, acordo todo dia para tentar significar essas realidades, em micropolíticas e micro ações, buscando na resiliência artística um norte para a vida.

## 6. Terrorismo poético vs Artista-educador vs Professor como DJ

Você está em uma sala. Parado na frente do quadro. Do outro lado, pessoas à sua frente. Nenhuma das quais te conhece. E elas te olham, esperando algo, uma moeda de troca. É quase possível sentir a respiração no ar. E ouvir o barulho dos ventiladores, dos ruídos do lado de fora da sala de aula, dos pequenos movimentos dos corpos.

Hakim Bey, em *Caos: Terrorismo Poético e outros crimes exemplares* (1984), diz que o caos nunca morreu. Segundo ele, antes de todos os princípios de entropia, vem o caos.<sup>8</sup> Em uma aula, o caos existe organizado e contido em mesas, cadeiras, normas e diretrizes. Em um primeiro momento de análise de território como professor, ou artista-educador, há a noção da tempestade antes dela acontecer, e a presença da necessidade de saber controlá-la e moldá-la como mediador da situação, a partir de seus devidos processos. Pensando em uma aula de artes fora dos padrões de troca de informações normativos em comparação com outras matérias, que ficam em formatos de conteúdo - prova, é possível, reitero novamente, pensá-la em experiência e ação. Mais do que isso, voltando a Hakim Bey, como parte de uma noção de seu Terrorismo Poético.

Segundo Hakim Bey, algumas instruções do Terrorismo Poético (TP):

(...) Dançar de forma bizarra durante a noite inteira nos caixas eletrônicos dos banco. Apresentações pirotécnicas não autorizadas. Land-art, peças de argila que sugerem estranhos artefatos alienígenas espalhados em parques estaduais. Arrombe apartamentos, mas, em vez de roubar, deixe objetos Poético-Terroristas. Sequestre alguém e o faça feliz. Escolha alguém ao acaso e o convença de que é herdeiro de uma enorme, inútil e impressionante fortuna – digamos, 5 mil quilômetros quadrados na Antártica, um velho elefante de circo, um orfanato em Bombaim ou uma coleção de manuscritos de alquimia. Mais tarde, essa pessoa perceberá que por alguns momentos acreditou em algo extraordinário e talvez se sinta motivada a procurar um modo mais interessante de existência. (BEY, Hakim, 2003, p.6)

Dentro desses fatores, ministrar, mediar ou propor uma aula de artes se baseia em tensionar limites dentro de convenções acerca de objetos, brincadeiras e possibilidades. Volto a Oficina de Percussão Livre, onde como atividade final fizemos um grande ensaio, parando o recreio do colégio, inserindo outros participantes dentro dessa poética. Ali tivemos a oportunidade de bagunçar, porém bagunçar intuitivamente, pensando em proporcionar a experiência sonora-visual dos

---

<sup>8</sup> Aproprio-me aqui apenas de seu termo Terrorismo Poético, em relação ao capítulo *Caos: Os Panfletos do Anarquismo Ontológico*, onde Hakim Bey discorre sobre as bases de sua teoria. Utilizo-o a partir do contexto de ação poética, relacionando com meu trabalho, pensando no termo como uma ferramenta. Tenho ciência das problemáticas do autor e das divergências de opiniões sobre sua integridade dentro do campo anarquista.

objetos criados em aula para outras pessoas. Assim, a explosão que é causada pela troca de cargas, noções e conhecimentos poéticos-estéticos entre pessoas, gera esse terreno de experimentação intenso, e de certa maneira furioso que o Artista-educador acaba necessitando, assim como ministrar sua própria produção, saber lidar de tal maneira.

Arte-educação, segundo Gilberto Icle (2012, p.12) em A Pedagogia da arte: entre-lugares da escola, é um desdobramento da arte em si. (...) A dimensão pedagógica é inerente à arte e, com efeito, não existe processo criativo que não contenha em si uma dimensão pedagógica(...)" Dessa maneira ele escreve sobre a noção do professor-artista, um profissional que transita entre a arte e o ato de ensinar, buscando nas fronteiras e limites dos dois uma nova maneira de pensar. Dentre contextos históricos e políticos, Icle discute se A Pedagogia da arte que ele defende, a partir da concepção do professor-artista, pode sobreviver em um ambiente institucional tal como a escola. A necessidade de adaptar suas noções a um sistema frágil e falho tal como o educacional, criando táticas de guerrilha para que esse espaço seja o da criação e experimentação, denotaria, a partir da minha percepção, um ato de TP.

Viver politicamente sob a condição de artista mexe com lógicas complicadas pros panoramas econômicos e ideológicos que vivemos, no contexto brasileiro. Episódios que recentemente acompanham a relação da opinião pública com as artes, que de certa forma sempre sofreu perseguição e regularização. Afinal qual tipo de arte é valorizada em um país subdesenvolvido? Onde, através de órgãos privados, exposições são censuradas ou controladas, tais como a Queermuseu - Cartografias da diferença na arte brasileira, exposição que ocorreu no espaço do Santander Cultural, em Porto Alegre, em 2017. Tendo sofrido diversos ataques, sendo acusada de apologia à pedófilia, zoofilia e ofensas ao cristianismo. E que após pressões de nichos conversadores e religiosos, teve suas portas fechadas, nem completando um mês de exposição.

Novamente ao contexto brasileiro, em relação a Base Nacional Comum Curricular, o documento que norteia o ensino básico brasileiro, o retrocesso sofrido pelo campo das artes em suas últimas atualizações dificulta a organização e formação de profissionais, além de legitimar a simplificação da disciplina de artes na escola. Com a nova configuração, a disciplina, que é dos eixos das linguagens, passa a ser generalizada como apenas "artes", invés de categorizada como teatro, música, dança e artes visuais, podendo ser substituída por aulas de português, além de ter tido a carga horária reduzida. Ser artista-educador é saber perpassar esses fatores e lidar com dois campos negligenciados ao mesmo tempo. E através desses embates, dar uma aula de artes em um ambiente de guerra é um ato de Terrorismo Poético.

Buscando meios para combater essas adversidades, María Acaso, em seu livro rEDUvolution, trás o conceito do professor como DJ, e coloca:

(...) Se não aceitamos que um filme, uma novela, uma sinfonia ou uma instalação são sistemas de representação cujo significado constrói um espectador a partir de um inconsciente. Por que obcecamos sobre a ideia de que em um currículo não ocorre esse processo? Se aceitamos que um filme, novela ou uma instalação são sistemas de representação cujo significado constroem um espectador a partir de seu inconsciente. Por que obcecamos na ideia que em um currículo não ocorre esse processo? (...) (ACASO, María, 2012, p.55, tradução nossa),

Legitimar nosso trabalho profissional como parte de um trabalho artístico é uma declaração política necessária para que possamos dar um passo adiante, valorizando e sabendo nosso espaço dentro das instituições. Organizar o caos e uní-lo ao intuito de arte-educar, usando-se do TP com inteligência e diplomacia, são os recursos que uso em minhas aulas, ações, vivências e experiências. Assim como trabalhos poéticos deveriam educar e comunicar, não por eles por si só, mas através de recursos usados com eles, acredito que dar aula deveria ser um ato pensado artisticamente, permitindo, por meios caóticos, que a arte e sua pedagogia pudessem de fato pertencer aos ambientes educacionais.

## 7. FUTURO

futuro

fu.tu.ro

fu<sup>l</sup>туру

adjetivo

1.

que há de vir; vindouro

2.

que está para ser; que está por acontecer

*futuro in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. [consult. 2018-11-21 04:55:17]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/futuro>*

Quando entrei no curso de licenciatura em Artes Visuais tinha 19 anos, passava por um dos piores momentos de minha vida. Saio com 24, passo por um dos momentos mais conturbados. Cito esses relatos no intuito de construir a partir de reflexões algum início de teoria em volta de minhas escolhas e vivências. Entrei com a intenção de dar continuidade e foco para minha produção artística. Saio com a mesma visão, porém agora perpassado com as vivências dentro desses escopos, da educação, da mediação, do contato, da experiência coletiva. Cada pedaço dessa poética construída ao longo desses anos tem a origem em alguém ou alguma situação. Através da análise dessas pequenas realidades e micropolíticas, concluo com dois trabalhos:

### **Cante sobre mim, estou morrendo de sede**

No dia 9 de novembro de 2016, Eduardo Chaves, Emerson Pereira, Éderson de Araújo e Bruno Ferreira<sup>9</sup> foram encontrados mortos - decapitados - dentro de um carro em Porto Alegre. Jovens entre 19 e 21 anos, com extensa ficha criminal. No mesmo dia, dois anos depois, em 2018, tive um sonho. “Cante sobre mim, estou morrendo de sede” é uma áudio-colagem<sup>10</sup> de 5m24s, explorando o contraste sobre esses dois fatos, sobre a notícia e o sonho póstumo, através de experimentações sonoras, trilhas de baile funk dos anos 90 e sons de guerra. Ela é exposta como instalação, com fones de ouvido postos em uma planta Palmeira-Ráfia.

<sup>9</sup> Fonte: <https://youtu.be/EdICGI7HnWg> Acesso em: 06 dez. 2018

<sup>10</sup> Disponível em: <https://youtu.be/CPE8nkHUYK0> Acesso em: 06 dez. 2018



**Figura 13, 14. Cante sobre mim, estou morrendo de sede**  
2018, instalação sobre planta Palmeira-Ráfia / áudio-colagem de 5m25s.

## QUEIMAM COM FOGO

No ano de 2016, em outubro, no vigésimo-segundo ENEARTE, durante o fim de uma festa no campus da UNB, pedi um *Uber* para uma pessoa. Enquanto aguardávamos, ela foi bem querida e conversamos por poucos minutos, perguntando um ao outro de que cidade éramos e o que estávamos achando do evento. Seu nome era Matheusa. Depois de um tempo, soube que essa pessoa tinha ficado bem amiga de outras amigas e amigos meus, porém só ouvi sobre ela em redes sociais e através desses laços. Quase dois anos depois, dia 29 de abril de 2018, soube que Matheusa havia desaparecido na cidade do Rio de Janeiro, onde estudava Artes Visuais na UERJ. Após um surto, ela saiu da festa onde estava e não foi mais vista. Uma semana depois eu estava em um bar em Porto Alegre, após o expediente de trabalho na Bienal do Mercosul, junto de colegas meus, que eram amigos dela. Enquanto bebíamos a notícia chegou, através de uma mensagem a uma amiga. Matheusa Passareli, 21 anos, foi assassinada<sup>11</sup> e seu corpo, supostamente queimado, nunca mais achado. QUEIMAM COM FOGO será uma pintura em tecido de algodão cru de 300cm de largura por 250cm de altura, com os dizeres escritos em carvão.

---

<sup>11</sup> Fonte:

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/estudante-matheusa-foi-julgada-antes-de-ser-morta-por-traficantes-diz-delegada.ghtml> Acesso em: 06 dez. 2018



**Figura 15.** QUEIMAM COM FOGO, 2018, carvão sobre algodão cru, 300cmx250cm.

Concluo também com a exposição que finaliza esse projeto, chamada A ARTE TÁ MORTA A ARTE TÁ TOP, contendo os trabalhos apresentados, ocupando no dia 19 de dezembro de 2018 a Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, no Instituto de Artes da UFRGS:



**Figura 16.** Planta baixa da exposição A ARTE TÁ MORTA A ARTE TÁ TOP.

Essa pesquisa, antes de ser uma tentativa de contextualizar os objetos que permeiam esses acontecimentos, forma-se como um discurso *a/r/tográfico*. Segundo Belidson Dias (2013, p.25) “A *a/r/tografia* é uma forma de representação

que privilegia tanto o texto (escrito) quanto a imagem (visual) quando eles se encontram em momentos de mestiçagem e hibridização.” A componho através de relatos onde enquadro o ato de criar como um direito, no qual enfatizo a importância da possibilidade de valorizar suas referências através de sua leitura de mundo inserida em seu devido ambiente. E que isso seja o bastante para fazer arte e ser valorizado. Essa força criativa é inerente a qualquer ser humano, e seu ato deveria ser tão inerente quanto. Quando marginalizamos, marginalizamos junto essa força e esse direito. Se, em 31 de março de 1954, Hélio Oiticica poderia anotar em seu diário - ao qual viria futuramente virar *Aspiro ao Grande Labirinto* - sobre suas experiências estéticas analisando o movimento das formigas, o que impede que as pessoas que compõem esses espaços já citados, institucionais, da escola, do hospital psiquiátrico, da periferia, possam também acessar suas próprias investigações? É o privilégio? É o romantismo em torno da imagem do artista? Ou é também o descaso, o descuido, e a desvalorização de diversos parâmetros sociais e culturais para algo tão simples quanto desenhar em uma folha, ou dançar uma música? Do momento de onde falo, busco ainda os meios para responder a tais indagações.

## REFERÊNCIAS

ACASO, María. reEDUvolution - hacer la REVOLUCIÓN en la EDUCACIÓN. Ediciones Paidós Ibérica, 2013

BEY, Hakim. Caos – Terrorismo Poético e Outros Crimes Exemplares. Conrad Editora do Brasil, 2003. Disponível em:  
<http://www.imagomundi.com.br/cultura/caos.pdf> Acesso em: 14 dez. 2018

DEHWEY, John. Arte como experiência. Editora Martins Fontes Selo Martins, 2010.

DIAS, Belidson; RWIN, Rita L. Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia. Santa Maria. Editora da UFSM, 2013.

ICLE, Gilberto. Pedagogia da Arte: entre-lugares da escola. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2012.

OITICICA, Hélio. Aspiro Ao Grande Labirinto. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1986.